

ABBI GLINES  
~  
**PAIXÃO  
SEM LIMITES**



*Para Liz Reinhardt, minha maior incentivadora durante a criação deste livro. Ao longo da vida você encontra pessoas que se tornam amigos sem os quais não pode mais se imaginar vivendo. Liz é uma dessas pessoas.*

## CAPÍTULO 1

O que eu costumava ver estacionado em frente a uma casa onde estivesse ocorrendo uma festa eram caminhonetes com lama nos pneus, não automóveis caros e importados. Pelo menos vinte deles ocupavam o comprido acesso de carros daquela casa. Parei a picape Ford de quinze anos da minha mãe em cima da grama para não atrapalhar a saída de ninguém. Meu pai não tinha me dito que daria uma festa esta noite. Na verdade, não tinha me dito quase nada.

Ele tampouco havia aparecido para o funeral da minha mãe. Se eu não precisasse de um lugar para morar, não estaria ali. Tive que vender a casinha que a minha avó nos deixara para pagar as últimas despesas médicas da minha mãe. Tudo que me restava eram as minhas roupas e a picape. Ligar para o meu pai depois de ele não aparecer nem uma vez sequer durante os três anos da batalha da minha mãe contra o câncer foi complicado. Complicado, mas necessário: ele era o único parente que me restava.

Olhei para a imensa casa de três andares situada bem em cima da areia branca da praia de Rosemary, na Flórida. Aquela era a nova casa do meu pai. Sua nova família. Eu não iria me encaixar ali.

De repente, alguém abriu com um tranco a porta da minha picape. Por instinto, levei a mão até debaixo do assento e peguei a minha nove milímetros. Levantei-a e apontei em cheio para o intruso, segurando-a com as duas mãos e pronta para puxar o gatilho.

– Caraca... eu ia dizer que você estava perdida, mas agora digo o que você quiser. Só guarda esse troço, por favor.

Do outro lado da minha pistola estava um sujeito de cabelos castanhos desgrenhados presos atrás das orelhas, com as duas mãos para cima e os olhos arregalados.

Levantei uma das sobancelhas e mantive a pistola firme. Ainda não sabia quem era aquele cara. Puxar a porta da picape de alguém com um tranco não era um jeito normal de cumprimentar um desconhecido.

– Não, acho que não estou perdida. Aqui não é a casa de Abraham Wynn?

O sujeito engoliu em seco, nervoso.

– Hã... com esse troço apontado para a minha cara eu não consigo pensar direito. Você está me deixando bem nervoso, meu bem. Poderia baixar a pistola antes que aconteça um acidente?

Acidente? Sério? O cara estava começando a me irritar.

– Eu não conheço você. Está escuro aí fora e eu estou sozinha em um lugar desconhecido. Então me desculpe se eu não me sentir muito segura neste momento. Pode confiar em mim: não vai acontecer acidente nenhum. Eu sei manejar uma pistola muito bem.

O cara não pareceu acreditar em mim e, agora que eu estava olhando melhor, não me parecia realmente ameaçador. Mesmo assim, eu ainda não estava pronta para baixar a arma.

– Abraham? – repetiu ele devagar. Começou a balançar a cabeça, então parou. – Peraí, o padraço novo do Rush se chama Abe. Eu o conheci antes dele e Georgianna viajarem para Paris.

Paris? Rush? Como assim? Esperei mais explicações, mas o cara continuou a encarar a pistola, prendendo a respiração. Com os olhos fixos nele, baixei a arma e me certifiquei de acionar a trava de segurança antes de guardá-la debaixo do banco do motorista. Talvez sem a pistola ele conseguisse se concentrar e me explicar.

– Você tem porte de arma para esse troço? – perguntou ele, sem acreditar.

Eu não estava com disposição para conversar sobre o meu direito de portar armas. Precisava de respostas.

– Abraham está em Paris? – perguntei, querendo uma confirmação.

Ele sabia que eu chegaria hoje. Tínhamos nos falado na semana anterior, depois que vendi a casa.

O sujeito fez que sim devagar e relaxou a postura.

– Você o conhece – perguntou?

Na verdade, não. Desde que ele tinha abandonado a minha mãe e eu havia cinco anos, eu só o vira umas duas vezes. Eu me lembrava do pai que assistia às minhas partidas de futebol e fazia hambúrgueres na churrasqueira do quintal para as festas dos vizinhos do bairro. O pai que eu tivera até o dia em que a minha irmã gêmea, Valerie, morreu em um acidente de carro... quando ele estava dirigindo. Nesse dia, ele mudou e se tornou o homem que não me ligava para saber se eu estava bem enquanto cuidava da minha mãe doente. Esse homem eu não conhecia. Nem um pouco.

– Sou a filha dele. Blaire.

O cara arregalou os olhos, jogou a cabeça para trás e riu. Qual era a graça? Estava esperando que explicasse quando ele estendeu a mão.

– Venha cá, Blaire. Quero apresentar você a uma pessoa. Ele vai amar saber disso.

Encarei a mão dele e estendi o braço para pegar a minha bolsa.

– Tem outra arma aí nessa bolsa? Devo avisar a todo mundo para não te irritar?

O tom provocador da voz dele me impediu de dizer alguma grosseria.

– Você abriu a minha porta sem bater. Fiquei com medo.

– E a sua reação instantânea quando sente medo é apontar uma arma? Caramba, menina, de onde você é? A maioria das garotas que eu conheço daria um gritinho ou alguma coisa assim.

A maioria das meninas que ele conhecia não fora forçada a se proteger nos últimos três anos. Precisei cuidar da minha mãe, mas não tinha ninguém para cuidar de mim.

– Eu sou do Alabama – respondi, ignorando a mão dele e saltando sozinha da picape.

A brisa do mar bateu no meu rosto e o cheiro salgado da praia era inconfundível. Eu nunca tinha visto uma praia. Pelo menos não ao vivo. Apenas em fotos e filmes, mas o cheiro era exatamente o que eu imaginava que seria.

– Quer dizer então que é verdade o que dizem sobre as meninas de Bama – retrucou ele e isso me chamou a atenção.

– Como assim?

Ele desceu os olhos pelo meu corpo e tornou a subir até o meu rosto. Abriu um sorriso.

– Jeans justo, camiseta sem manga e uma pistola. Caramba, acho que errei de estado.

Revirei os olhos e abri a traseira da picape. Tinha uma mala e várias caixas que precisava levar para a Legião da Boa Vontade.

– Deixe eu te ajudar.

Ele deu a volta e estendeu as mãos para dentro da caçamba da picape para pegar a mala que a minha mãe mantivera guardada no armário para a “viagem de carro” que nunca chegamos a fazer. Ela vivia dizendo que um dia iríamos atravessar o país e subir a costa oeste. Isso foi antes de ela ficar doente.

Espantei essas lembranças e me concentrei no presente.

– Obrigada, hã... acho que não sei o seu nome.

O cara puxou a mala e se virou de volta para mim.

– Como assim? Esqueceu de perguntar quando estava com a arma apontada para a minha cara?

Dei um suspiro. Bem, talvez eu tenha exagerado um pouco com a pistola, mas ele me assustara.

– Meu nome é Grant. Eu sou... hã... amigo do Rush.

– Rush? – O mesmo nome outra vez. – Quem é Rush?

O sorriso de Grant tornou a se abrir.

– Você não sabe quem é Rush? – Ele estava achando muita graça. – Porra, que bom que eu vim aqui hoje. – Ele virou a cabeça em direção à casa. – Vamos. Vou apresentar você.

Fui andando ao seu lado enquanto ele me conduzia até a casa. Quando nos aproximamos, a música lá dentro ficou mais alta. Se o meu pai não estava lá, quem estaria? Georgianna era a mulher dele, mas isso era tudo o que eu sabia. Será que aquela festa era dos filhos dela? Quantos anos eles tinham? Georgianna tinha filhos, não tinha? Eu não me lembrava. Meu pai fora muito vago ao falar dela. Dissera que eu iria gostar da minha nova família, mas não mencionou quem era essa família exatamente.

– Esse Rush mora aqui? – perguntei.

– Mora. Bem, pelo menos no verão. Ele se muda para as suas outras casas conforme a estação.

– *Outras casas?*

Grant deu uma risada.

– Você não sabe nada sobre a família para a qual o seu pai entrou, né, Blaire?

Mal sabia ele. Fiz que não com a cabeça.

– Então, rápida miniaula antes de entrarmos na loucura – disse ele, parando no alto da escada que conduzia à porta da frente e olhando para mim. – Rush Finlay é o seu irmão postiço. É filho único do famoso baterista do Slacker Demon, Dean Finlay. Os pais dele nunca se casaram. A mãe, Georgianna, era groupie quando jovem. Essa casa é dele. A mãe mora aqui porque ele deixa. – Ele parou e olhou para a porta bem na hora em que ela se abriu. – E toda essa gente aqui é amiga dele.

Uma loura arruivada alta e longilínea me encarava da porta, usando

um vestido curto azul-royal e um par de sapatos de salto que me fariam quebrar o pescoço se eu tentasse calçá-los. Percebi o desagrado na sua expressão mal-humorada. Eu não sabia muita coisa sobre aquele tipo de gente, mas sabia que as minhas roupas de loja de departamento não eram algo que ela aprovasse. Ou isso, ou tinha uma barata andando em cima de mim.

– Oi, Nannette – falou Grant.

– Quem é ela? – perguntou a garota, olhando para ele.

– Uma amiga. Não faça essa cara de quem chupou limão, Nan; não fica bem em você – respondeu ele, estendendo a mão para segurar a minha e me puxar para dentro da casa.

A sala não estava tão cheia quanto eu imaginara. Quando passamos pelo grande saguão aberto, um arco ia dar no que imaginei ser uma sala de estar. Mesmo assim, era bem maior do que a minha casa inteira, ou melhor, minha ex-casa. Duas portas de vidro se abriam para uma vista do mar de tirar o fôlego. Eu queria ver aquilo de perto.

– Por aqui – informou Grant.

Falava comigo enquanto se encaminhava até um... bar? Sério mesmo? Tinha um bar dentro de casa?

Olhei de relance para as pessoas ao nosso redor. Todas paravam um instante para me dar uma rápida conferida de cima a baixo. Eu estava me destacando à beça.

– Rush, esta é a Blaire, acho que talvez ela seja sua. Encontrei-a lá fora com um ar meio perdido – disse Grant.

Desviei os olhos daquela gente curiosa para ver quem era aquele tal de Rush.

Ai. Ai, ai, ai.

– É mesmo? – respondeu Rush com uma voz preguiçosa, arrastada. Com uma cerveja na mão, ele se inclinou para a frente no sofá branco. – Ela até que é gata, mas é muito novinha. Não dá para dizer que é minha.

– Ah, ela é sua, sim. Considerando que o papai dela fugiu para passar as próximas semanas em Paris com a sua mamãe... Eu diria que agora ela é sua, sim. Eu bem que ofereceria a ela um quarto na minha casa se você preferisse. Quer dizer, se ela prometer deixar a arma na picape.

Rush estreitou os olhos e me estudou com atenção. Os olhos dele tinham uma cor esquisita. Surpreendente e incomum. Não eram castanhos nem

cor de avelã. Eram de uma cor quente, com um pouco de prateado. Eu nunca tinha visto nada como aquilo. Seriam lentes de contato?

– Nem por isso ela é minha – respondeu ele por fim, recostando-se no sofá.

Grant pigarreou.

– Está de brincadeira, não está?

Rush não respondeu. Em vez disso, tomou um grande gole da garrafa *longneck* que tinha nas mãos. Seus olhos agora estavam cravados em Grant e pude ver o alerta na sua expressão. Ele iria me pedir para ir embora a qualquer momento. Aquilo não era nada bom. Eu tinha apenas 20 dólares na bolsa e estava quase sem gasolina. Já tinha vendido tudo de valor que possuía. Ao ligar para o meu pai, explicara que só precisava de um lugar para ficar até arrumar um emprego e ganhar dinheiro suficiente para encontrar onde morar. Ele concordara na hora e me dera o seu endereço, dizendo que adoraria que eu ficasse na sua casa.

Rush prestava atenção em mim outra vez. Estava esperando que eu fizesse alguma coisa. O que queria que eu dissesse? Um leve sorriso de ironia moveu os seus lábios e ele piscou para mim.

– Estou com a casa cheia de convidados hoje. E a minha cama já está lotada. – Ele desviou os olhos para Grant. – Acho que é melhor ela procurar um hotel até eu conseguir falar com o *papai* dela.

A repulsa na sua língua ao pronunciar a palavra “papai” não passara despercebida. Ele não gostava do meu pai. Na realidade, eu não podia culpá-lo. Afinal, aquilo não era problema dele. Quem me mandara até ali fora o meu pai. Eu tinha gastado quase todo o meu dinheiro em gasolina e comida durante o trajeto. Por que fui confiar naquele homem?

Estendi a mão e peguei a alça da mala que Grant ainda segurava.

– Ele tem razão. É melhor eu ir embora. Foi uma péssima ideia – falei, sem olhar para Grant.

Puxei a mala com força e ele a soltou com alguma relutância. Conforme caía a ficha de que eu estava prestes a ficar sem casa, senti lágrimas arderem nos meus olhos. Não consegui olhar para nenhum dos dois.

Mantendo os olhos baixos, virei-me e me dirigi para a porta. Ouvi Grant batendo boca com Rush, mas me forcei a não escutar. Não queria ouvir o que aquele cara lindo estava dizendo sobre mim. Ele não gostava de mim. Isso tinha ficado claro. Meu pai não parecia ser um membro bem-vindo da família.



– Já vai, tão cedo? – perguntou-me uma voz meio pegajosa.

Ergui os olhos e deparei com o sorriso satisfeito da menina que abrira a porta. Ela tampouco me queria ali. Será que eu era tão repulsiva assim para aquelas pessoas? Tornei a olhar para o chão e abri a porta. Era orgulhosa demais para deixar aquela vaca *mesquinha* me ver chorar.

Quando estava segura do lado de fora, deixei escapar um soluço e andei até a minha picape. Se não estivesse carregando a mala, teria corrido. Precisava da segurança da picape. Meu lugar não era ali, naquela casa ridícula com aquela gente metida. Estava com saudades de casa. Da minha mãe. Outro soluço escapuliu. Fechei a porta da picape e a tranquei.

## CAPÍTULO 2

**E**nxuguei os meus olhos e me forcei a respirar fundo. Não podia desmornar agora. Não tinha desmornado ao segurar a mão da minha mãe enquanto ela dava o último suspiro ou quando o seu caixão fora baixado para dentro da terra fria. Também não desmornara ao vender o único lugar que tinha para morar. Não iria desmornar agora. Iria sair dessa.

Não tinha dinheiro suficiente para um quarto de hotel, mas tinha a minha picape. Poderia morar nela. Meu único problema seria arrumar um lugar seguro para estacionar durante a noite. Aquela cidade parecia segura, mas eu tinha quase certeza de que aquela picape velha estacionada em qualquer lugar durante a noite chamaria a atenção. A polícia viria bater na minha janela antes mesmo de eu conseguir pegar no sono. Eu teria que gastar meus últimos 20 dólares em gasolina. Concluí que teria que ir até uma cidade maior, onde a minha picape passasse despercebida em um estacionamento.

Talvez eu pudesse estacionar atrás de um restaurante e arrumar um emprego por lá. Não precisaria de gasolina para ir e voltar do trabalho. Minha barriga roncou, lembrando-me de que não comia desde a manhã. Precisaria gastar alguns dólares em comida. E rezar para arrumar um emprego quando amanhecesse.

Eu ficaria bem. Virei a cabeça para olhar atrás da picape antes de engatar a marcha a ré. Olhos prateados me encaravam.

Dei um gritinho antes de perceber que era Rush. O que ele estava fazendo em pé do lado da minha picape? Será que tinha saído para garantir que eu sumiria do seu terreno? Eu realmente não queria mais falar com ele. Comecei a desviar os olhos e a me concentrar em sair dali quando ele levantou uma das sobrancelhas para mim. O que significava aquilo?

Sabe de uma coisa? Eu não estava nem aí. Mesmo que ele estivesse sexy para caramba fazendo aquilo. Comecei a acelerar a picape, mas, em vez do ronco do motor, tudo que ouvi foi um clique e silêncio. *Ah, não. Agora não. Por favor, agora não.*

Girei as chaves e rezei para estar enganada. Sabia que o marcador de

combustível estava quebrado, mas prestara atenção na quilometragem. Não deveria estar sem gasolina. Ainda tinha alguns quilômetros. Sabia que tinha.

Bati com a palma da mão no volante e xinguei a picape várias vezes, mas nada aconteceu. Eu estava ferrada. Será que Rush chamaria a polícia? Ele queria tanto que eu fosse embora que tinha saído para se certificar. Agora que eu não conseguia ir embora, será que ele mandaria me prender? Ou pior: chamar um reboque? Se ele fizesse isso, eu não teria dinheiro para recuperar a picape. Pelo menos na cadeia eu teria cama e comida de graça.

Engoli em seco, abri a porta da picape e torci pelo melhor.

– Problemas? – perguntou ele.

Minha frustração era tanta que eu queria gritar, mas apenas concordei.

– Acabou a gasolina.

Rush deu um suspiro. Não falei nada. Decidi que o melhor naquela situação era aguardar o veredito. Eu sempre poderia implorar depois.

– Quantos anos você tem?

O quê? Ele estava mesmo perguntando a minha idade? Eu estava presa no acesso de carros da sua casa, ele queria que eu fosse embora e, em vez de conversar sobre as minhas alternativas, ele estava perguntando a minha idade? Que cara estranho.

– Dezenove – respondi.

Rush levantou as duas sobrancelhas.

– Sério?

Eu estava fazendo força para não me irritar. Precisava que aquele cara tivesse compaixão de mim. Forçando-me a engolir o comentário irônico que estava na ponta da minha língua, sorri.

– Sério.

Rush sorriu e deu de ombros.

– Foi mal. É que você parece mais nova. – Ele *parou* e os seus olhos desceram pelo meu corpo e tornaram a subir. O súbito calor no meu rosto foi constrangedor. – Retiro o que eu disse. Seu corpo tem toda a pinta de 19. É o seu rosto que parece muito jovem. Você nunca usa maquiagem?

Era uma pergunta? O que ele estava fazendo? Eu queria saber o que o futuro me reservava, não falar sobre o fato de que usar maquiagem era um luxo ao qual eu não podia me dar. Além disso, meu ex-namorado (e atual

melhor amigo) Cain sempre dizia que eu não precisava de mais nada para melhorar a minha aparência. O que quer que isso significasse.

– A gasolina acabou. Eu tenho 20 dólares na bolsa. Meu *pai* fugiu e me abandonou depois de me dizer que me ajudaria. Acredite em mim: ele era a ÚLTIMA pessoa para quem eu pediria ajuda. E não, eu não uso maquiagem. Tenho problemas mais graves no momento do que ficar bonita. E agora, você vai chamar a polícia ou um reboque? Se eu puder escolher, prefiro a polícia. – Fechei a boca para encerrar o meu desabafo. Ele tinha me pressionado e eu não consegui segurar a língua. Agora cometi o erro de dar a ele a ideia do reboque. Merda.

Rush inclinou a cabeça e me observou. Quase não consegui suportar o silêncio. Eu acabara de compartilhar informação demais com aquele sujeito. Se ele quisesse, poderia dificultar a minha vida.

– Eu não gosto do seu pai e, pelo tom da sua voz, você também não – disse ele, perspicaz. – Tem um quarto vazio hoje à noite. Vai ficar vazio até a minha mãe voltar. Eu não peço para a empregada dela vir quando ela está viajando. Nas férias dela, Henrietta só vem fazer faxina uma vez por semana. Você pode ficar no quarto dela debaixo da escada. É pequeno, mas tem cama.

Ele estava me oferecendo um quarto. Eu não iria cair em prantos. Poderia fazer isso mais tarde. E, pelo menos, não iria para a cadeia. Graças a Deus.

– Minha alternativa é esta picape. Posso garantir a você que o que está me oferecendo é bem melhor. Obrigada.

Rush franziu o cenho por um instante, mas a expressão logo sumiu e o sorriso descontraído voltou a surgir no seu rosto.

– Cadê a sua mala? – indagou ele.

Fechei a porta da picape e fui até a traseira para pegar a mala. Antes que eu pudesse estender a mão, um corpo quente com um cheiro desconhecido e delicioso se esticou por cima do meu. Congelei enquanto Rush pegava a minha mala e a puxava para fora.

Eu me virei e ergui os olhos para ele. Rush piscou.

– Posso carregar a sua mala. Não sou tão babaca assim.

– O-obrigada – gaguejei, sem conseguir desgrudar o meu olhar.

Os olhos dele eram inacreditáveis. Os grossos cílios pretos que os emolduravam pareciam quase um delineador. Ele tinha um realce natural em volta dos olhos. Que injustiça. Os meus cílios eram louros. Eu daria tudo para ter cílios iguais aos dele.

– Ah, que bom que você a deteve. Eu estava dando cinco minutos antes de sair para me certificar de que não tinha afugentado totalmente a garota.

A voz conhecida de Grant me fez sair do meu transe e eu me virei, grata pela interrupção. Estivera encarando Rush feito uma idiota. Estava surpresa de que ele não tivesse mandado eu dar o fora outra vez.

– Ela vai ficar no quarto da Henrietta até eu conseguir falar com o pai dela e dar algum outro jeito. – Rush soava contrariado. Entregou a mala a Grant e disse: – Tome, mostre o quarto a ela. Tem gente me esperando.

Rush se afastou sem olhar para trás. Foi preciso toda a minha força de vontade para não ficar olhando enquanto ele ia embora. Principalmente porque o seu traseiro naquele jeans justo era muito tentador. Ele não era alguém por quem eu devesse me sentir atraída.

– Esse cara é mal-humorado demais – comentou Grant, balançando a cabeça e olhando para mim. Não pude discordar.

– Não precisa carregar a minha mala lá para dentro de novo – falei, estendendo a mão para pegá-la.

Grant afastou a mala da minha mão.

– Por acaso, eu sou o irmão gentil. Não vou deixar você carregar esta mala tendo um par de braços muito fortes, para não dizer muito impressionantes, para carregá-la.

Eu teria sorrido, se não fosse a palavrinha que me fez virar a cabeça na sua direção.

– Irmão? – perguntei.

Grant sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos.

– Acho que me esqueci de dizer que eu sou filho do marido número dois da Georgianna. Ela ficou casada por doze anos com o meu pai, desde que eu tinha 3 anos e Rush, 4. Quando se separaram, Rush e eu já éramos irmãos. O simples fato do meu pai ter se divorciado da mãe dele não mudou nada para a gente. Fomos para a faculdade juntos e entramos até para o mesmo grêmio.

Ah, certo. Por essa eu não esperava.

– Quantos maridos a Georgianna teve?

Grant deixou escapar uma risada curta e dura. Em seguida, começou a andar em direção à porta.

– O seu pai é o número quatro.

Meu pai era um idiota. Aquela mulher parecia trocar de marido como quem troca de calcinha. Quanto tempo demoraria para se livrar dele e partir para outra?

Grant tornou a subir a escada e não me disse mais nada enquanto seguia na direção da cozinha. Era um cômodo imenso, com bancadas de mármore preto e aparelhos complicados. Lembrava aqueles lugares que saem nas revistas de decoração. Ele abriu uma porta que parecia uma grande despensa com espaço para uma pessoa entrar. Sem entender, olhei em volta e o segui até lá dentro. Ele foi até o fundo e abriu outra porta.

Havia espaço suficiente para ele entrar e pôr a minha mala em cima da cama. Era óbvio que estávamos debaixo da escada. Espremido entre a cama e a parede tinha um criado-mudo. Tirando isso, mais nada.

– Não tenho a menor ideia de onde você pode guardar a sua mala. Este quarto é bem pequeno. Para ser sincero, é a primeira vez que venho aqui. – Grant balançou a cabeça e suspirou. – Escute, se quiser ir comigo para o meu apartamento, tudo bem. Pelo menos posso lhe oferecer um quarto no qual dê para se mover.

Por mais gentil que Grant fosse, eu não estava disposta a aceitar a oferta. Ele não precisava de uma hóspede indesejada ocupando um dos seus quartos. Pelo menos ali eu estava escondida e ninguém iria me ver. Poderia limpar a casa e arrumar um emprego em algum lugar. Talvez Rush me deixasse ficar dormindo naquele quartinho desocupado até eu ter dinheiro suficiente para ir embora. Ali eu não tinha tanto a sensação de estar impondo a minha presença. No dia seguinte, iria encontrar um mercado e usar os meus 20 dólares para comprar comida. Pão com manteiga de amendoim devia bastar por uma semana, mais ou menos.

– Aqui está perfeito. Assim eu não atrapalho. Além do mais, Rush amanhã vai ligar para o meu pai e descobrir quando ele volta. Talvez ele tenha um plano, sei lá. Mas obrigada, valeu mesmo pela oferta.

Grant correu os olhos pelo lugar mais um vez e fez uma cara feia. Ele não estava contente com aquele quarto, mas eu estava aliviada. Que gentileza a dele se importar comigo.

– Detesto deixar você aqui atrás. Parece errado.

Ele tornou a olhar para mim, e dessa vez a sua voz adquiriu um tom de súplica.

– Está ótimo. Muito melhor do que na picape.

Grant franziu o cenho.

– Na picape? Você ia dormir lá?

– Ia, sim. Mas isto aqui me dá um pouco de tempo para decidir qual vai ser o meu próximo passo.

Grant passou uma das mãos pelos cabelos desgrenhados.

– Você me promete uma coisa? – pediu.

Eu nunca fui de prometer nada. O que eu sabia sobre promessas era que elas se quebravam com facilidade. Dei de ombros. Era o melhor que podia fazer.

– Se Rush obrigar você a ir embora, ligue para mim.

Comecei a concordar, mas percebi que não tinha o telefone dele.

– Onde está o seu celular para eu poder gravar o meu número? – perguntou ele.

Aquilo iria fazer eu soar ainda mais digna de pena.

– Não tenho.

Grant me encarou boquiaberto.

– Não tem celular? Não é à toa que você anda armada. – Ele enfiou a mão no bolso e pegou o que parecia um recibo. – Tem caneta?

Tirei uma da bolsa e entreguei para ele.

Ele anotou o número rapidamente e me entregou o papel e a caneta.

– Ligue para mim. É sério.

Eu jamais ligaria, mas era gentil ele me oferecer. Concordei. Não tinha prometido nada.

– Espero que você durma bem aqui.

Ele olhou em volta com um ar preocupado. Eu iria dormir maravilhosamente.

– Eu vou – garanti.

Ele assentiu, saiu do quarto e fechou a porta. Esperei até ouvi-lo fechar também a porta da despensa antes de me sentar na cama ao lado da mala. Aquilo estava bom. Eu podia me virar com aquilo.

### CAPÍTULO 3

Mesmo sem janelas no quarto para me dizer se o sol já nascera, eu sabia que tinha dormido até tarde. Fui me deitar exausta, mas a longa viagem de oito horas e os passos na escada durante horas depois de eu ir para a cama me impediram de dormir. Eu me espreguicei, me sentei e estendi a mão para o interruptor na parede. A pequena lâmpada iluminou o quarto e estiquei o braço até debaixo da cama para pegar a minha mala.

Precisava de um banho. Se todo mundo ainda estivesse dormindo, eu poderia usar um dos banheiros sem ninguém perceber; mas Grant não tinha me mostrado onde ficava. Só me ofereceram o quarto, mas eu esperava que uma ducha rápida estivesse incluída no pacote.

Peguei uma calcinha limpa, um short preto e uma camiseta branca sem manga. Com sorte, conseguiria entrar e sair do chuveiro e começar a faxina antes de Rush descer.

Abri a porta que dava para a despensa, passei por entre as prateleiras que continham mais comida do que qualquer pessoa jamais poderia precisar. Girei a maçaneta da porta devagar e a abri. A luz da cozinha estava apagada e a única claridade vinha do sol forte que entrava pelas amplas janelas que davam para o mar. Se não estivesse tão apertada, eu teria parado um instante para admirar a vista. Mas a situação era urgente e eu precisava ir ao banheiro. A casa estava silenciosa. Copos vazios estavam espalhados pelos cômodos, junto com restos de comida e peças de roupa. Eu poderia limpar aquilo. Se me mostrasse útil, talvez me deixassem ficar ali até eu arrumar um emprego e receber um ou dois salários.

Abri lentamente a primeira porta que encontrei, com medo de ser um quarto. Era um closet. Fechei a porta e desci o corredor em direção à escada. Se os únicos banheiros fossem os das suítes, eu estava ferrada. A não ser que... talvez houvesse um banheiro para as pessoas usarem depois de passar o dia inteiro na praia. Afinal de contas, Henrietta também tinha que tomar banho e ir ao banheiro. Virei as costas e voltei para a cozinha e para as duas portas de vidro que eu vira abertas na noite an-



terior. Olhei em volta e reparei alguns degraus que desciam até debaixo da casa. Fui por ali.

Lá embaixo havia duas portas. Abri uma delas e vi paredes cobertas por coletes salva-vidas, pranchas de surfe e boias. Então abri a outra. Bingo.

Era um banheiro com um pequeno boxe. Sobre um banquinho havia xampu, condicionador e sabonete, além de uma luva de banho e uma toalha limpa. Que prático.

Uma vez limpa e vestida, pendurei a toalha e a luva no ferro da cortina do boxe. Aquele banheiro não era muito usado. Eu poderia usar a mesma toalha e a mesma luva a semana inteira e lavar no fim de semana. Se ficasse ali tanto tempo assim.

Fechei a porta depois de sair e subi os degraus. A maresia tinha um cheiro maravilhoso. Quando cheguei lá em cima, fiquei parada junto ao guarda-corpo e olhei para o mar. Ondas quebravam na praia de areia branca. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

Mamãe e eu cogitávamos, um dia, viajar para ver o mar. Ela havia ido quando era menina e as suas lembranças não eram lá grande coisa, mas ela passara a vida inteira me falando sobre isso. Todo inverno ficávamos sentadas dentro de casa em frente à lareira e planejávamos a nossa ida à praia. Nunca conseguimos fazer essa viagem. Primeiro mamãe não tinha dinheiro, depois não tinha saúde. Mesmo assim, continuávamos a planejá-la. Isso ajudava a manter o sonho vivo.

E agora ali estava eu, olhando para as ondas com as quais apenas sonhara. Não eram nossas férias de conto de fadas, mas eu estava ali vendo o mar por nós duas.

– Essa vista nunca fica velha. – A voz grave e arrastada de Rush me espantou. Virei-me e o vi encostado no batente da porta. Sem camisa. Ai, ai, ai.

Não consegui articular palavras. O único peito nu de homem que eu já tinha visto fora o de Cain. E isso foi antes de a minha mãe ficar doente, quando eu tinha tempo para namorar e me divertir. O peito de 16 anos de Cain não exibia aqueles músculos largos e definidos, assim como ele também não tinha aquela barriga tanquinho que eu via diante de mim.

– Está gostando da vista?

Seu tom de quem estava achando graça não me escapou. Pisquei os olhos e tornei a erguê-los para o sorriso de ironia nos seus lábios. Droga. Ele tinha me pegado secando o seu corpo.

– Não quero interrompê-la. Eu mesmo estava gostando – continuou ele antes de dar um gole na xícara de café que segurava.

Senti o meu rosto ficar quente; sabia que devia estar vermelha feito um pimentão. Eu me virei de novo e tornei a olhar para o mar. Que vergonha. Eu estava tentando fazer com que aquele cara me deixasse permanecer ali por um tempo. Ficar babando por ele não era a melhor estratégia.

Uma risada baixinha atrás de mim só fez piorar as coisas. Ele estava rindo de mim. Que ótimo.

– Ah, você está aí. Senti a sua falta na cama quando acordei.

A voz feminina dengosa vinha de detrás de mim. A curiosidade me venceu e eu me virei. Uma menina só de calcinha e sutiã se aconchegava a Rush e corria uma unha comprida e cor-de-rosa pelo seu peito. Não podia culpá-la por querer tocar aquilo. Eu própria estava bem tentada.

– Está na hora de você ir – retrucou ele, tirando a mão dela do próprio peito e se afastando. Vi quando ele apontou para a porta da frente.

– Como é? – rebateu a menina. Pelo ar de incompreensão no seu rosto, ela não esperava por isso.

– Você conseguiu o que queria vindo aqui, gata. Queria que eu te comesse. Conseguiu. Agora já deu para mim.

Sua voz fria, dura e neutra me espantou. Será que ele estava falando sério?

– Você só pode estar de sacanagem! – disparou a menina, batendo o pé. Rush balançou a cabeça e tomou mais um gole do café.

– Você não pode fazer isso comigo. Ontem à noite foi incrível. Você sabe que foi.

Ela estendeu a mão para o braço dele e ele rapidamente se esquivou.

– Eu avisei ontem à noite quando você chegou implorando e tirando a roupa... A única coisa que iria acontecer seria uma noite de sexo. Só isso.

Prestei atenção na menina. Sua expressão era de pura raiva. Ela abriu a boca para protestar, mas tornou a fechá-la. Com mais uma batida do pé, voltou a passos firmes para dentro da casa.

Eu não conseguia acreditar no que acabara de ver. Era assim que pessoas daquele tipo se comportavam? A minha única experiência de relacionamento tinha sido com Cain. Embora nunca tivéssemos chegado a transar, ele sempre fora cuidadoso e gentil comigo. Aquilo era duro, cruel.

– Então, dormiu bem? – perguntou Rush como se nada tivesse acontecido.

Eu me obriguei a desviar os olhos da porta pela qual a menina havia saído

e o examinei. O que passara pela cabeça dela para ir para a cama com alguém que tinha deixado bem claro que não haveria nada além de sexo? Tudo bem, ele tinha um corpo de causar inveja a modelos... e aqueles seus olhos eram capazes de levar uma garota a fazer loucuras. Mas ainda assim. Era muito cruel.

– Você faz isso sempre? – perguntei antes de conseguir me conter.

Rush levantou a sobrancelha.

– O quê? Perguntar às pessoas se elas dormiram bem?

Ele sabia o que eu estava perguntando. Estava desconversando. Não era da minha conta. Para ele me deixar ficar ali, eu precisava ficar na minha. Abrir a boca para repreendê-lo não era uma boa ideia.

– Transar com garotas e depois jogá-las fora feito lixo? – retruquei.

Fechei a boca, horrorizada com as palavras que acabara de ouvir ecoar na minha mente. O que eu estava fazendo? Tentando ser posta na rua?

Rush pousou a xícara na mesa ao seu lado e se sentou. Recostou-se e esticou as pernas compridas. Então tornou a me encarar.

– E você, sempre mete o nariz onde não é chamada? – rebateu.

Eu queria ficar brava com ele. Queria, mas não consegui. Ele tinha razão. Quem era eu para julgá-lo? Nem conhecia aquele cara.

– Não, em geral, não. Desculpe – falei e entrei depressa.

Não queria dar a ele uma chance de me expulsar também. Eu precisava daquela cama debaixo da escada por pelo menos duas semanas.

Comecei a recolher os copos vazios e as garrafas de cerveja. Aquela casa precisava de uma faxina e eu podia fazer isso antes de sair para procurar emprego. Só torci para ele não dar festas como aquela todas as noites. Mas, se desse, eu não iria reclamar... e quem sabe? Depois de algumas noites talvez conseguisse dormir com qualquer barulho.

– Não precisa fazer isso. Henrietta vem amanhã.

Joguei as garrafas que tinha recolhido na lixeira e olhei para ele. Rush estava outra vez em pé no vão da porta, olhando para mim.

– Só pensei que poderia ajudar.

Rush deu um sorriso torto.

– Eu já tenho empregada. Não estou procurando outra, se é isso que está pensando.

Fiz que não com a cabeça.

– Não, eu sei. Só estava tentando ser prestativa. Você me deixou dormir na sua casa ontem.

Rush se aproximou e ficou parado em frente à bancada, com os braços cruzados na frente do peito.

– Sobre isso... a gente precisa conversar.

Ai, droga. Lá vem. Uma noite era tudo que eu iria conseguir.

– Está bem – respondi.

Rush franziu o cenho para mim e senti o ritmo da minha pulsação se acelerar. Ele não tinha notícias boas para me dar.

– Eu não gosto do seu pai. Ele é um *aproveitador*. Minha mãe sempre tende a arrumar homens assim. É um talento dela. Mas eu acho que você já sabe isso sobre ele. Então estou curioso: por que você veio pedir a ajuda dele se sabia como ele era?

Minha vontade era responder que não era da conta dele. Só que o fato de eu precisar da sua ajuda fazia com que fosse. Eu não podia esperar que ele me deixasse dormir na sua casa sem saber de nada. Ele merecia saber por que estava me ajudando. Eu não queria que ele pensasse que eu também era uma aproveitadora.

– Minha mãe acabou de morrer. De câncer. Três anos de tratamento custam caro. A única coisa que tínhamos era a casa que a minha avó nos deixou. Tive que vender a casa e todo o resto para pagar as contas de hospital da minha mãe. Não vejo o meu pai desde que ele nos abandonou, cinco anos atrás. Mas ele agora é o meu único parente. Não tenho mais ninguém a quem pedir ajuda. Preciso de um lugar para ficar até conseguir um emprego e receber alguns salários. Aí vou arrumar a minha própria casa. Minha intenção nunca foi passar muito tempo aqui. Sabia que o meu pai não iria querer que eu ficasse. – Soltei uma gargalhada dura e insincera. – Mas jamais imaginei que ele fosse fugir antes de eu chegar.

O olhar firme de Rush continuava grudado em mim. Aquelas eram informações que eu preferiria que ninguém soubesse. Costumava conversar com Cain sobre como o abandono do meu pai me fizera sofrer. A perda da minha irmã e do meu pai tinham sido difíceis para mim e para minha mãe. Aí Cain precisou de mais e eu não pude ser quem ele precisava que eu fosse. Tinha que cuidar da minha mãe doente. Havia deixado Cain livre para sair com outras meninas e se divertir. Eu era só um peso para ele. Nossa amizade permaneceu intacta, mas eu percebi que o menino que um dia pensara amar tinha sido apenas uma emoção infantil.

– Sinto muito pela sua mãe – disse Rush, por fim. – Deve ser duro. Você disse que ela passou três anos doente. Desde que você tinha 16?

Respondi que sim, sem saber muito bem o que mais dizer. Não queria a pena dele. Só queria um lugar para dormir.

– Você está planejando arrumar um emprego e uma casa para morar.

Não era uma pergunta, ele estava só repassando o que eu acabara de dizer. Por isso não respondi nada.

– O quarto de baixo da escada é seu por um mês. Nesse tempo você precisa arrumar um emprego e juntar dinheiro suficiente para alugar um apartamento. Destin não fica muito longe daqui e o custo de vida lá é mais acessível. Se os nossos pais voltarem antes disso, imagino que seu pai poderá ajudar você.

Soltei um suspiro de alívio e engoli o bolo que bloqueava minha garganta.

– Obrigada.

Rush olhou na direção da despensa que conduzia ao quarto em que eu estava dormindo. Em seguida, tornou a olhar para mim.

– Tenho umas coisas para fazer. Boa sorte na caça ao emprego.

Afastou-se da bancada e foi embora.

Eu não tinha gasolina na picape, mas tinha uma cama e 20 dólares. Fui depressa até o quarto pegar a minha bolsa e as minhas chaves. Precisava arrumar um emprego o quanto antes.

## CAPÍTULO 4

**D**ebaixo do limpador de para-brisa do meu carro estava preso um bilhete. Peguei o papel e li:

*O tanque está cheio.*

*Grant.*

Grant encheu o tanque do meu carro? Senti um calor repentino dentro do peito. Que gentil. A palavra “aproveitador” dita por Rush ecoou nos meus ouvidos e percebi que precisaria reembolsar Grant o mais rápido possível. Não iria passar por aproveitadora feito o meu pai.

Entrei na picape, dei a partida com facilidade e saí de marcha a ré. Ainda havia vários carros em frente à casa, embora não tantos quanto na noite anterior. Todos passaram a noite ali? Estavam lá esse tempo todo? Não tinha visto ninguém de manhã, exceto Rush e a menina que ele tinha enxotado.

Rush não era uma pessoa muito simpática, mas era justo; isso eu tinha que admitir. E também era bem gostoso. Eu só precisava aprender a ignorar esse fato. Não deveria ser muito difícil. Não imaginava que Rush fosse ficar perto de mim com muita frequência. Ele não parecia gostar da minha companhia.

Decidi arrumar um emprego em Rosemary para economizar gasolina, assim poderia sair mais rápido da casa de Rush. Tinha encontrado um jornal das redondezas e circulado vários anúncios. Dois eram para vagas de garçõnete em restaurantes próximos e fui até lá me candidatar. Embora tivesse a sensação de que receberia a ligação de um deles ou de ambos, acho que não gostaria de trabalhar em nenhum dos dois. Se fossem minhas únicas opções, aceitaria. Só que as gorjetas não pareciam ser grande coisa; e você precisa das gorjetas em um emprego desses.

Passei também na farmácia dos arredores para me candidatar ao emprego de caixa, mas a vaga já tinha sido preenchida. Depois fui ao consultório de um pediatra e me ofereci para o cargo de recepcionista, mas eles queriam experiência, o que eu não tinha.

Circulei um último anúncio, mas deixei para o final porque achava

que seria uma vaga muito difícil de conseguir: um cargo de garçom no country club local. Pagava sete dólares a mais por hora e as gorjetas seriam bem melhores. Perfeito para o meu plano de me virar sozinha. Além do mais, o emprego tinha benefícios. Um seguro saúde seria ótimo.

O anúncio pedia para os candidatos se apresentarem na sede administrativa, atrás do pavilhão do campo de golfe. Segui as instruções e parei a minha picape ao lado de um Volvo chique. Ajeitei o retrovisor para dar uma conferida no meu visual. Ao passar na farmácia, tinha comprado um tubinho de rímel. Só um pouquinho de rímel ajudaria o meu rosto a parecer mais velho. Passei a mão pelos meus cabelos louro-claros e fiz uma prece rápida para conseguir aquele emprego.

Ao passar no quarto para pegar a minha bolsa, aproveitei para trocar de roupa. Tirei o short e a camiseta e coloquei um vestido sem mangas, mais indicado para conseguir a vaga. Rush dissera que eu tinha cara de criança. Queria parecer mais velha. O rímel e o vestido deviam ajudar.

Não me dei ao trabalho de trancar a picape; ali ela não corria risco nenhum de ser roubada. Não quando a maioria dos carros estacionados em volta custava mais de 60 mil dólares. Havia poucos degraus até a porta do escritório. Respirei fundo pela última vez e abri a porta.

Uma mulher de corpo mignon, cabelos castanhos curtos e óculos de armação de metal estava atravessando a recepção quando entrei. Ela olhou de relance para o meu rosto a caminho de um dos escritórios e parou. Conferiu rapidamente o resto do meu visual e em seguida meneou a cabeça para mim.

– Veio procurar emprego? – perguntou, autoritária.

– Sim, senhora. Vim me candidatar ao cargo de garçom.

Ela deu um sorriso muito sutil.

– Ótimo. Você tem a aparência certa. Com um rosto assim, os sócios não vão prestar atenção nos erros. Sabe dirigir um carrinho de golfe e abrir uma garrafa de cerveja com abridor?

Assenti.

– Está contratada. Preciso de alguém no campo imediatamente. Venha comigo; vamos arrumar um uniforme para você.

Não discuti. Quando ela deu meia-volta e começou a andar com passos firmes na direção de outro cômodo, fui atrás. Ela era uma mulher com uma missão. Abriu uma porta e entrou.

– Que tamanho de short você usa, 36? A parte de cima vai ser menor do que a que você está usando, mas os homens vão adorar. Eles gostam de busto grande. Vejamos... – Ela estava falando sobre os meus peitos. Que constrangedor! Ela pegou um short branco e uma camisa polo azul-bebê da prateleira e os jogou para mim. – Essa blusa é tamanho P. Tem que ficar justa. Nós somos um estabelecimento de classe, mas os homens aqui também gostam de admirar a paisagem. Assim, proporcionamos o que eles querem dentro de um short branco e de uma camisa polo justa. Não se preocupe com a papelada. Peço para você preencher depois do expediente. Se passar uma semana fazendo isso e fizer direitinho, podemos pensar em mudar você para o salão de jantar. Também estamos precisando de funcionários lá. Rostos como o seu não são fáceis de achar. Agora troque de roupa, vou ficar esperando para levar você até o carrinho de bebidas.

Duas horas mais tarde, eu havia parado duas vezes ao lado de cada um dos dezoito buracos do campo e as minhas bebidas tinham acabado. Todos os golfistas queriam me perguntar se eu era nova e comentar sobre o meu excelente serviço. Eu não era burra. Via o jeito como os homens mais velhos me secavam. Felizmente, todos pareciam tomar cuidado para não avançar nenhum sinal.

A senhora que me contratou enfim me dissera o seu nome depois de praticamente me empurrar para cima do carrinho e me despachar para o campo. Chamava-se Darla Lowry e cuidava da contratação dos funcionários. Era também um verdadeiro furacão. Ela me disse para voltar dali a quatro horas ou quando as minhas bebidas acabassem, o que acontecesse primeiro. As bebidas acabaram em duas horas.

Entrei no escritório e Darla espichou a cabeça para fora de uma das salas.

– Já? – estranhou, saindo com as mãos na cintura.

– Sim, senhora. Minhas bebidas acabaram.

Ela levantou as sobrancelhas.

– Todas?

– Sim, todas.

Um sorriso cruzou o seu rosto sério e ela deixou escapar uma risada.

– Ora, quem diria? Sabia que eles iriam gostar de você. Aqueles tarados estavam mesmo dispostos a comprar tudo o que você tivesse só para fazê-la ficar mais tempo por perto.



Eu não tinha certeza se era isso mesmo. Fazia calor no campo; toda vez que eu parava junto a algum buraco, os golfistas faziam cara de aliviados.

– Venha, vou mostrar para você onde reabastecer. Você tem que continuar a servir até o sol se pôr. Depois volte aqui para preenchermos a tal papelada.

Quando voltei à casa de Rush, já estava escuro. Eu tinha passado o dia inteiro fora. Os carros, antes parados no acesso à casa, haviam desaparecido. A garagem de três vagas estava fechada, com um conversível vermelho caro estacionado do lado de fora. Tomei cuidado para estacionar a picape fora do caminho. Talvez Rush fosse receber mais amigos e eu não queria que o meu carro causasse problemas. Estava exausta. Só queria ir para a cama.

Parei em frente à porta e me perguntei se deveria bater ou simplesmente ir entrando. Rush disse que eu poderia ficar um mês. Com certeza isso devia significar que eu não precisava bater toda vez que chegasse.

Girei a maçaneta e entrei. O hall estava vazio e surpreendentemente limpo. Alguém já tinha arrumado a bagunça ali. O piso de mármore chegava a brilhar. Ouvi uma TV ligada na ampla sala de estar aberta. Não havia muitos outros barulhos. Fui até a cozinha. A cama estava me esperando. Queria muito uma ducha, mas ainda não tinha conversado com Rush sobre que chuveiro usar e não queria incomodá-lo nessa noite. No dia seguinte, quando acordasse, desceria de fininho para usar o mesmo que usara de manhã.

O cheiro de alho e queijo invadiu as minhas narinas quando entrei na cozinha e minha barriga roncou imediatamente. Eu tinha na bolsa um pacote de biscoitos de manteiga de amendoim e uma caixinha de leite que havia comprado em uma loja de conveniência a caminho de casa. Ganhara algum dinheiro em gorjetas durante o dia, mas não podia gastar tudo em comida. Precisava economizar o máximo que pudesse.

Havia uma panela tampada sobre o fogão e uma garrafa de vinho vazia em cima da bancada. Junto com a garrafa, dois pratos com o que restava de uma apetitosa massa. Rush estava acompanhado.

Um gemido veio lá de fora, seguido por um barulho alto.

Fui até a janela, mas, assim que o luar iluminou a bunda nua de Rush, congelei. Uma linda bunda nua. Linda mesmo. Embora eu nunca tivesse

visto a bunda nua de homem nenhum. Subi os olhos pelas suas costas e as tatuagens que as cobriam me espantaram. Não soube dizer exatamente o que eram. A luz da lua não era forte o suficiente e ele estava se mexendo.

Movia os quadris para a frente e para trás, e reparei nas duas pernas compridas que apertava junto às laterais do corpo. O gemido alto se repetiu quando ele acelerou os movimentos. Tapei a boca e dei um passo para trás. Rush estava transando. Do lado de fora. Na varanda. Não consegui desviar os olhos. Ele segurou as pernas dos dois lados do próprio corpo e as abriu mais ainda. Um grito alto me surpreendeu. Duas mãos surgiram nas costas dele e unhas compridas arranharam as tatuagens que cobriam a pele bronzeada.

Eu não deveria estar vendo aquilo. Sacudi a cabeça para clarear os meus pensamentos, virei-me e entrei depressa na despensa e no meu quartinho escondido. Não podia pensar em Rush daquela forma. Ele já era um gato; vê-lo transando causava sensações estranhas no meu coração. Não que eu quisesse ser uma daquelas meninas com quem ele transava e depois jogava fora, mas ver o seu corpo daquele jeito e ouvir o que ele fazia a menina sentir me deixava com um pouquinho de inveja. Eu não sabia o que era aquilo. Ser virgem aos 19 anos era triste. Cain dizia que me amava, mas ele queria uma namorada capaz de sair de casa e transar sem ter que se preocupar com a mãe doente. Queria uma experiência normal de colégio. Eu precisava dele mais do que nunca, mas não podia lhe dar isso. Então o liberei.

Na véspera, quando avisei que iria para a casa do meu pai, ele me implorara que ficasse. Dissera que me amava e que não tinha me esquecido. Que todas as meninas com quem tinha ficado não passavam de pálidas substitutas. Eu não conseguia acreditar em tudo aquilo. Passara noites demais com medo, chorando até cair no sono. Quando precisei de alguém para me abraçar, ele não estava ao meu lado. Cain não entendia o que era o amor.

Fechei a porta do meu quarto e caí na cama, sem nem sequer puxar as cobertas. Precisava dormir. Tinha que estar no trabalho às nove da manhã. Antes de pegar no sono, sorri, grata por ter uma cama e um emprego.

## CAPÍTULO 5

O sol estava particularmente forte. Darla não queria que eu prendesse os cabelos em um rabo de cavalo. Achava que os homens o preferiam solto. Infelizmente, pois isso me fazia morrer de calor. Estendi a mão para pegar um cubo de gelo dentro do cooler, esfreguei-o no pescoço e o deixei cair dentro da camiseta. Já estava quase no 15º buraco pela terceira vez no dia.

Ninguém na casa estava acordado quando eu levantara. Os pratos vazios continuavam em cima da bancada. Eu os recolhi e joguei no lixo o resto de comida da panela que tinha ficado a noite inteira fora da geladeira. Fiquei triste com tanto desperdício. A comida tinha um cheiro incrível quando eu chegara em casa na noite anterior.

Em seguida joguei fora a garrafa vazia de vinho e encontrei as taças na varanda em cima da mesa, ao lado de onde tinha visto Rush transando com a desconhecida. Pus a louça na máquina, liguei e passei um pano na bancada e no fogão.

Duvidava que Rush fosse notar, mas aquilo fazia eu me sentir melhor com o fato de estar dormindo de graça em sua casa. Parei junto a um grupo de jogadores no 15º buraco. Era um pessoal mais jovem que eu já tinha visto quando estavam no terceiro buraco. Compravam bastante e davam boas gorjetas, então eu aturava as suas cantadas. Não era provável que algum deles quisesse mesmo sair com a menina do carrinho de bebidas do campo de golfe. Eu não era burra.

– Olhe ela aí – disse um dos caras quando parei ao seu lado e sorri.

– Ah, minha garota preferida voltou. Está um calor infernal, moça. Preciso de uma gelada. Ou duas.

Estacionei o carrinho, desci e fui pegar as bebidas na parte de trás do veículo.

– Outra Miller? – perguntei a ele, orgulhosa por me lembrar do seu último pedido.

– Quero sim, gata.

Ele piscou para mim e chegou mais perto, o que me deixou um pouco constrangida.

– Ei, Jace, também quero uma. Deixe um pouco para a gente – disse outro e eu mantive o sorriso no rosto enquanto pegava a sua bebida. Em retribuição, ele me deu uma nota de 20 dólares. – Pode ficar com o troco.

– Obrigada – agradei, enfiando o dinheiro no bolso. Ergui os olhos para os outros. – Quem é o próximo?

– Eu – respondeu um de cabelos louros curtos e encaracolados e belos olhos azuis, acenando com uma nota.

– Corona, certo? – perguntei, pondo a mão dentro do cooler para pegar a mesma bebida que ele pedira da última vez.

– Acho que estou apaixonado. Ela é linda e lembra a cerveja que eu bebo. E ainda abre a porcaria da garrafa para mim. – Pude ver que ele estava brincando quando pôs a nota na minha mão e pegou a cerveja. – O troco é seu, linda.

Quando pus a nota no bolso, reparei que era de 50. Aqueles caras não se importavam mesmo em jogar dinheiro fora. Que gorjeta mais ridícula! Tive vontade de lhe dizer para não me dar tanto assim, mas achei melhor não. Eles deviam dar gorjetas como essa o tempo todo.

– Qual é o seu nome? – perguntou um dos rapazes.

Quando me virei, vi o de cabelos escuros e pele morena esperando para me fazer seu pedido e ouvir a minha resposta.

– Blaire – respondi, pondo a mão dentro do cooler para pegar a cerveja fina que ele tinha pedido. Abri a tampa e lhe entreguei a garrafa.

– Você tem namorado, Blaire? – perguntou ele, pegando a cerveja e passando o dedo na lateral da minha mão em uma carícia.

– Hã... não – respondi, sem saber se teria sido melhor mentir nessa situação.

Ele deu um passo na minha direção e estendeu a mão com o pagamento e a gorjeta.

– Eu sou o Woods – falou.

– Hum... pra-prazer, Woods – gaguejei em resposta.

A expressão intensa dos seus olhos escuros me deixava nervosa. Ele poderia ser perigoso. Além disso, recendia a água de colônia cara. Um cara refinado. Ele fazia parte da elite e sabia disso. Por que estava me azarando?

– Assim não vale, Woods. Pega leve, cara. Você está dando tudo de si.

Não é só porque o seu pai é dono deste clube que você pode *escolher* primeiro – brincou o louro cacheado.

Pelo menos eu acho que ele estava brincando.

Woods ignorou o amigo e continuou a me encarar.

– A que horas você sai?

Xi... Se eu estava entendendo direito, o pai de Woods era o meu patrão. A última coisa que eu queria era sair com o filho do dono. Seria péssimo.

– Trabalho até a hora de fechar – expliquei, entregando a cerveja para o último dos quatro e pegando o dinheiro.

– Que tal eu vir buscar você e levá-la para jantar? – perguntou Woods, agora muito perto de mim. Se eu me virasse, ele colaria em meu corpo.

– Está calor e eu estou exausta. Tudo o que vou querer depois do expediente é tomar uma ducha e dormir.

Um hálito morno fez cócegas na minha orelha e eu estremeci enquanto gotas de suor escorriam pelas minhas costas.

– Está com medo de mim? Não precisa ficar. Sou inofensivo.

Eu não sabia muito bem como agir em relação a ele. Nunca fui boa de azaração e tinha quase certeza de que era isso que estava acontecendo ali. Ninguém me paquerava havia anos. Depois que terminei com Cain, meus dias tinham sido consumidos pelo colégio e depois pela minha mãe. Eu não tinha tempo para mais nada. Os caras nem se davam ao trabalho.

– Não estou com medo de você. É que não estou acostumada com esse tipo de coisa – respondi, me desculpando. Não sabia a forma certa de reagir.

– Que tipo de coisa? – indagou ele, curioso. Finalmente me virei para encará-lo.

– Homens. E azaração. Pelo menos acho que é isso que está acontecendo.

Eu parecia uma idiota. O sorriso que se abriu devagar no rosto de Woods me deu vontade de me esconder debaixo do carrinho de golfe. Aquela situação era mais do que eu conseguia lidar.

– Sim, com certeza é uma azaração. Mas como alguém tão inacreditavelmente gostosa não está acostumada com esse tipo de coisa?

As palavras dele me deixaram tensa. Balancei a cabeça. Precisava passar para o 16º buraco.

– É que eu passei esses últimos anos meio ocupada. E, há, se vocês não quiserem mais nada, os jogadores do buraco 16 já devem estar bravos comigo.

Woods compreendeu e deu um passo para trás.

– Ainda vamos conversar. Com certeza. Mas por enquanto vou deixar você voltar ao trabalho.

Fui depressa até a lateral do carrinho e me sentei no banco do motorista. Um bando de aposentados jogava no buraco seguinte. Nunca em toda a minha vida fiquei tão feliz por ser alvo dos olhares cobiçosos de idosos. Ao menos, eles não partiam para o ataque.

Ao voltar para a minha picape, fiquei aliviada por não ver sinal de Woods. Deveria ter entendido que ele estava apenas provocando a funcionária. Eu tinha ganhado uns 200 dólares de gorjeta nesse dia e decidi que não tinha problema me dar ao luxo de uma refeição de verdade. Entrei no *drive-thru* do McDonald's e pedi um cheesebúrguer com fritas, que comi feliz no trajeto de volta até a casa de Rush. Não havia carro nenhum parado na frente da casa desta vez.

Eu hoje não iria surpreendê-lo transando. Mas, pensando bem, ele poderia ter levado alguém até lá de carro. Entrei e parei no hall. A TV não estava ligada. Não havia som algum, mas a porta estava destrancada. Não precisei usar a chave escondida sobre a qual ele havia me falado.

Eu estava muito suada. Precisava de uma ducha antes de ir dormir. Entrei na cozinha e chequei a varanda da frente para ter certeza de que nenhuma estripulia sexual estava acontecendo ali. Tomar uma ducha seria fácil.

Fui até o meu quarto e peguei a cueca samba-canção e a camiseta velha e sem mangas de Cain que eu usava para dormir. Cain tinha me dado essas roupas quando éramos jovens e bobos. Queria que eu dormisse vestida com alguma coisa dele e eu as usava desde então, embora agora estivessem muito mais justas do que na época. Eu tinha ganhado algumas curvas desde os 15 anos.

Saí da casa e inspirei profundamente a brisa do mar. Era a minha terceira noite ali e eu ainda não tinha dado um mergulho. Chegara em casa tão cansada que não tivera energia para isso. Desci os degraus e pus o meu pijama no banheiro antes de tirar o tênis.

A areia ainda estava quente com o calor do sol. Atravessei-a no escuro até a água avançar ao meu encontro. O frio me espantou e fiquei ofegante, mas deixei a água salgada cobrir os meus pés.

O sorriso da minha mãe ao me contar sobre a vez em que havia brincado no mar surgiu na minha lembrança. Eu ergui o rosto para o céu e sorri. Finalmente tinha chegado. Estava lá por nós duas.

Um barulho à esquerda interrompeu os meus pensamentos. Virei-me e olhei mais adiante na praia. Bem no instante em que a lua surgiu por detrás das nuvens, Rush apareceu na escuridão. Estava correndo.

Mais uma vez, não usava camisa. O short pendia baixo nos quadris estreitos. Fiquei hipnotizada com a aparência daquele corpo correndo na minha direção. Não tive certeza se deveria me mexer ou se ele tinha terminado. Ele desacelerou até parar ao meu lado. O suor no seu peito reluzia à luz suave. Por mais estranho que fosse, senti vontade de esticar a mão para tocá-lo. Nada que aquele corpo produzisse podia ser nojento. Era impossível.

– Você voltou – disse ele, respirando fundo algumas vezes.

– Acabei de sair do trabalho – falei, tentando olhar para os olhos dele e não para o seu peito.

– Quer dizer que arrumou um emprego?

– É. Ontem.

– Onde?

Não sabia ao certo o que sentia revelando essas coisas. Ele não era um amigo. E era evidente que eu jamais o consideraria da família. Nossos pais podiam até ser casados, mas ele não parecia querer envolvimento algum nem com o meu pai nem comigo.

– No country club de Kerrington – respondi.

Rush levantou as sobrancelhas e deu um passo mais para perto de mim. Segurou o meu queixo com uma das mãos e virou o meu rosto para cima.

– Você está de rímel – falou, examinando o meu rosto.

– Estou.

Tirei o meu queixo da mão dele. Ainda que ele estivesse me deixando dormir na sua casa, não gostava que me tocasse. Ou talvez gostasse e fosse justamente esse o problema. Não queria gostar que ele me tocasse.

– Deixa você mais com cara da sua idade. – Ele recuou e fez uma lenta avaliação das minhas roupas. – Você é a garota do carrinho de bebidas no campo de golfe – disse, tornando a erguer os olhos.

– Como você adivinhou?

Ele acenou para mim com uma das mãos.

– Pela roupa. Shortinho branco justo e camisa polo. É o uniforme.

Fiquei grata pela escuridão. Tive certeza de que estava vermelha de vergonha.

– Você está fazendo um estrago, não está? – perguntou ele em tom de quem acha graça.

Em dois dias, eu tinha ganhado mais de 500 dólares em gorjetas. Para ele isso não era um estrago, mas para mim, sim. Dei de ombros.

– Fique aliviado em saber que vou sair daqui em menos de um mês.

Ele não reagiu na hora. Eu provavelmente deveria entrar e tomar a minha ducha. Comecei a dizer alguma coisa, mas ele então se aproximou.

– Eu provavelmente deveria ficar. Aliviado, quero dizer. Aliviado para cacete. Só que não estou, Blaire. – Ele fez uma pausa e se inclinou para sussurrar no meu ouvido. – Por que será?

Minha vontade foi estender as mãos e segurar os braços dele para não desmoronar, mas me contive.

– Fique longe de mim, Blaire. Você não vai querer chegar muito perto. Ontem à noite... – Ele engoliu em seco. – Não paro de pensar em ontem à noite. Saber que você estava vendo me deixa louco. Então fique longe. Estou me esforçando ao máximo para ficar longe de você.

Ele se virou e começou a correr de volta para casa enquanto eu ficava ali parada, tentando não desabar na areia.

O que ele quisera dizer com aquilo? Como sabia que eu os tinha visto? Quando vi a porta da casa se fechar atrás dele, voltei andando para lá e fui tomar um banho. Suas palavras me manteriam acordada por boa parte da noite.



## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)